



## Educomunicação e Meio Ambiente

Grácia Lopes Lima\*

Escolhi escrever este texto num tom coloquial, com repetições intencionais, porque entendo que a oralidade nos é mais familiar e pode contribuir com maior efetividade para que as palavras gerem as conversas que eu gostaria que desencadeassem. Não sem me incluir nas reflexões, posto que atuo há décadas na área em questão, busco tratar do que vejo em muitos projetos de Educação Ambiental que incluem Educomunicação.

Pra começo de conversa, considero importante lembrar que Educomunicação une os termos Educação e Comunicação, e que quando eles se juntam, criam uma coisa que não existia, isto é, uma ideia ou um pensamento novo. Se isso – criação de uma coisa nova – não for entendido, tudo o que levar o nome de Educomunicação apenas dará continuidade a antigos costumes.

Desdobrando as partes para pensar mais detidamente sobre a necessária originalidade: comunicação coloca pessoas em relação, ou seja, ela acontece sempre que alguém quer informar ou comentar algo com outras pessoas. Para que seja possível, usa as tecnologias de escrita, de áudio, de imagem ou outra qualquer, para compartilhar conteúdo. Educação, por sua vez, igualmente, coloca seres humanos em relação.

Acontece quando algumas pessoas, que sabem o que querem, fazem de tudo para que outras aceitem, achem correto, sigam suas orientações, pensem e se

---

□Corresponsável pelo Instituto GENS de Educação e Cultura, pelos Projetos Cala-boca já morreu e Trecho 2.8 – criação e pesquisa em fotografia. Foi responsável pelas ações de formação em Educomunicação no Programa Juventude e Meio Ambiente, nas Conferências Nacionais Infanto Juvenis pelo Meio Ambiente e na Conferência Internacional “Vamos cuidar do Planeta”. Doutorado em Educação pela FEUSP, Mestrado em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP.

comportem de acordo com o que elas querem, porque consideram que agindo assim, tudo será bem melhor.

Educomunicação, por seu turno, não é diferente. Também ela tem a ver com relação social. É uma ação de gente observadora, incomodada com os rumos da vida social, que sabe que sonhos de mudanças podem virar realidade, se teoria e prática caminharem juntas, não em benefício próprio ou de um seleto grupinho, mas de todos.

Esse alguém não ignora, por exemplo, que as grandes empresas que comandam a TV e a internet – ainda as mais frequentes e baratas formas de lazer de grande parte da população – não têm o menor escrúpulo para aumentar seu capital. Sabe que esses meios de comunicação “não brincam em serviço” e que por isso conseguem com competência e rapidez “calar a boca” de espectadores ou fazerem com que acreditem em coisas absurdas sobre tudo e qualquer assunto.

Quem sabe o que significa Educomunicação é ciente também de que as tecnologias de comunicação conseguem, em graus variados, obviamente, influenciar a vida de muita, muita gente. Ilustrações desse efeito não faltam, bastando apenas observar o tanto de gente, estudada ou não, que repete, igual papagaio, o que certos apresentadores dizem; o quanto se cantarola, sem perceber, musiquinhas de novelas ou de propagandas que ficam martelando nas cabeças o dia inteiro, ou, ainda, as birras de crianças que mal começaram a falar e já identificam, e pedem, insistentes, produtos pelas marcas, em supermercados.

Inspirado nos princípios que deram origem à Educomunicação através da ação direta de Mário Kaplún, seu criador, faz também de seu ofício uma maneira de colaborar para o fortalecimento dos indivíduos, de modo que ajam e façam suas escolhas por convicção.

Por conceber Educomunicação como sinônimo de intervenção social, raciocina e age como um estrategista, deduzindo que os mesmos dispositivos midiáticos que incutem valores e transformam todo o mundo em consumista de ideias, produtos e serviços, podem servir para mudar a história.

E quais as relações disso tudo, quando o assunto é Educomunicação e Educação Ambiental, em especial os projetos voltados para as questões dos resíduos sólidos?

Vou me valer, a partir daqui, do que tratei no Encontro Paralelo de Educomunicação, durante o VII Fórum Brasileiro de Educação Ambiental, em 2011, sobre “como equilibrar a preocupação em elaborar produtos midiáticos e o processo educativo proposto pela Educomunicação, quando o projeto é patrocinado e precisa cumprir metas e prazos”

Pois bem: Educação é a intersecção, aquilo que se repete nos termos Educomunicação e Educação Ambiental. Ou seja: ao menos em tese, Educação adjetivada de Ambiental, assim como a Educomunicação estão comprometidas com a ação de educar pessoas. E educar pessoas pressupõe, necessariamente, alguém que tome para si essa tarefa. Daí se conclui que sem intencionalidade educativa, os efeitos da formação são sempre ruins para todos os envolvidos, como vou tentar mostrar, na sequência.

Um jeito de perceber mais claramente esses pressupostos, é olhar com o devido rigor as ações chamadas “educativas em práticas ambientais”. Há anos, esse procedimento tem nos permitido identificar as teorias (elas estão sempre presentes, saibamos ou não), nos processos sob responsabilidade dos que assumem as funções de elaborar e/ou executar ações de Educomunicação.

O exercício não é nada complicado. Começamos constatando que, em geral, as propostas de educação ambiental acontecem em organizações não governamentais, ou através delas, em espaços diferentes dos reservados às aulas regulares dos cursos do ensino básico. Nesses lugares – que não são escola – não raro, quem deveria se nomear “mediador” (essa, do meu ponto de vista, é a melhor definição do que cabe a quem atua na área), se apresenta como professor ou se deixa intitular assim.

Além de se identificar como sendo o que não é, ainda chama de alunos os participantes das atividades. Só isso já diz muito das bases sobre as quais constrói sua ação. Deturpando seu papel, em sua prática adota cartilhas ou manuais prescritivos, organiza as turmas, estabelece papéis, propõe tarefas, determina tempo, bem como avalia, segundo seus próprios critérios, o que é bom e ruim, tal qual acontece na educação escolar. Em suma, faz da produção de comunicação, muitas vezes ingenuamente (o que só piora a situação!), mais um meio de ensinar o que há de pior em nossa sociedade: o mando e o desmando próprios da concentração de poder.

Seria exagero ou enganosa essa afirmação? Os que assim acharem, sugiro que analisem, isto é, que decomponham como quem quer estudar e não apenas criticar, movido por vaidade ou inveja, cada parte dos ditos jornais feitos por jovens, quer de comunidades carentes ou remediadas. Não é estranho que a redação atenda direitinho a norma padrão da língua considerada culta?! Como mágica, somem os erros de ortografia, de concordância, de pontuação. O linguajar deixa de ser o do cotidiano, desaparecem as gírias, as expressões do “tipo”, tão comuns nas falas dos mais jovens... Surpreendentemente, o produto exibido nem parece ter sido feito pelos mesmos meninos e meninas que vão mal na escola, que periodicamente ilustram o fracasso da educação brasileira, pela dificuldade que apresentam em compreensão e produção de texto! Merece igual atenção as coberturas jornalísticas realizadas por adolescentes. Quantos não são meros imitadores de apresentadores de telejornais, mesmo gaguejando, deixando claro que não entenderam nada do que está escrito no papel?!

Por que isso é tão comum? O trabalho com a comunidade não se assenta na necessidade das empresas contratantes minimizarem os males ao ambiente da população local? Elas não precisam de resultados que mostrem sua idoneidade? Que têm “responsabilidade social”? Ora, como “mostrar serviço”, se os produtos demorarem a ser entregues e ainda, por cima, forem mal acabados?! E quem são os responsáveis pelos “bons” resultados que os produtos de Educomunicação precisam exibir?

A expressão “minha ong, meu pobre, meu gringo”, que ouvi do jornalista Sérgio Gomes, da OBORÉ, ajuda a entender rapidinho essa parte. Aproveitando-se dessa trilogia, não são poucas as instituições oportunistas e interesseiras, que se travestem de bem intencionadas para usufruir de verbas para a execução de projetos de Educação Ambiental.

Reproduzindo o modelo de gestão de grandes empresas, uma vez de posse do que mais lhes interessa, saem em busca de funcionários. Mal anunciam “precisa-se de oficinairos” ou de “coordenadores”, para que logo cheguem currículos, semelhantemente às enormes filas de candidatos interessados em vagas ofertadas em fábricas. Condições de trabalho? Regime de, no mínimo, 20 horas semanais. Qualidades? Capacidade para trabalhar em equipe, para atuar de acordo com suas atribuições, dinamismo, proatividade,

competência para formular relatórios, domínio de técnicas de produção de mídia, experiência comprovada em trabalho com crianças e jovens. O que deles se espera? Que contribuam para o “empoderamento” (ô palavrinha batida essa!) das comunidades locais; que produzam comunicação em forma de jornal, vídeo, programa de rádio entre outras coisas, com grupos de 20, 30, 40 ou mais crianças ou jovens, já que quanto maiores forem os números, maior a evidência do “compromisso social” da contratante!

Seria essa uma imagem viva do processo de vitimização derivada do sistema? Por um lado, sim: exploração de mão de obra é imprescindível para a acumulação... Mas, não seria oportuno pensar n'outros lados, já que estamos tentando refletir sobre processos educativos em Educomunicação? Continuemos, pois.

A intenção de quem aceita o cargo não é realizar ações educacionais para o “empoderamento” de desfavorecidos da periferia? Como então, esquecer o ditado que diz “as palavras ensinam e os exemplos arrastam”? Como incentivar o “protagonismo” dos outros sendo um exemplo concreto de quem acata, consente, obedece o que “seu mestre mandou”? Não seria, no mínimo, enganoso o discurso que traz embutido “faça o que eu mando, mas não faça o que eu faço”?

Encarando sem medo essas questões, seria possível pensar: onde está o erro, de verdade? Seriam, mesmo excessivas as cobranças que recaem sobre os responsáveis pelas práticas de Educomunicação? Onde fica a tal consciência crítica, atributo essencial de quem é dessa área? Não seria esperado que, antes de assumir qualquer função, buscasse saber mais sobre quem seria seu futuro pagador e quais seriam seus reais interesses?

Uma simples busca no dicionário não serviria para saber que patrocinador (termo derivado do latim “pater”, dando origem a “patrão”) é todo aquele que arca com os custos da realização de um evento com objetivos de publicidade ou marketing?

A coisa nova que a Educomunicação anuncia, sem a qual ela perde todo sentido, tem a ver com isso: a necessidade e, ao mesmo a possibilidade de todos os envolvidos em práticas de comunicação, incluindo além dos beneficiados com propostas de Educação Ambiental, seus mediadores e

coordenadores, exercitem a escuta do que dizem durante todo o processo de produção de mensagens.

Enquanto as palavras não servirem para revermos nossos próprios conceitos será falacioso o que dissermos sobre cuidado e respeito com o meio ambiente e as pessoas com as quais trabalhamos.

O texto escrito termina aqui, mas as inquietações e a vontade de aprofundar o que as práticas evidenciam sobre o queremos para nós e para os outros permanecem. A esperança continua vivificante, porque sei que, embora a insegurança e o medo marquem muitas trajetórias, todos podemos ser mais fortes, afinal, nascemos vocacionados para a criação e a autonomia.

No que eu puder colaborar, como sempre estou à disposição, com a consciência de que um galo “sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo entre todos os galos”, como bem disse João Cabral de Melo Neto.

## Leituras

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular. Buenos Aires:** Lumen-humanitas, 1996.

\_\_\_\_\_. KAPLÚN, Mario. **La comunicación de masas en América Latina.** Bogotá: Ed. Educación Hoy, 1973.

LOPES LIMA, Grácia. **Produção coletiva de comunicação na perspectiva da Educomunicação.** Disponível em

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29042009-152804/pt-br.php>

LOPES LIMA, Grácia e Teresa Melo. **“Educomunicação e meio ambiente”**  
**in: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental**  
**na escola.** Secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade  
(Secad) – Ministério da Educação, 2007. Disponível em <http://bit.ly/yQNCXs>.

SOARES, Donizete. **Educomunicação – o que é isto**, São Paulo: Projeto  
Cala-boca já morreu, 2015.